

CONCEPÇÃO DIALÉTICA DO ESPORTE ESCOLAR

*Flávio Medeiros Pereira **

AO LEITOR

Sobre este texto, cumpre esclarecer que o mesmo foi limitado quanto ao espaço, por ser redigido originalmente como artigo para periódico de educação física. Como uma consequência desta limitação, não se conseguiu aprofundar certos conteúdos de modo desejado, o que pode propiciar o surgimento de "possíveis contradições..."

A proposição de uma pedagogia desportiva escolar embasada na dialética marxista, além de exprimir a concepção de mundo do autor, também se fundamenta na sua experiência profissional, que desde o ano de 1975 trabalha com adolescentes, utilizando na educação física a ginástica e o esporte, em especial o handebol.

Esta concepção pedagógica visa ultrapassar a simples prática desportiva imediatista e acrítica: aponta para a exercitação físico-desportiva permanente, autônoma; e principalmente, objetiva orientar os educandos/atletas escolares a envolverem-se não somente na cultura física, mas participarem conscientemente da política. Esta participação política se faz no interesse da maioria do povo brasileiro, no interesse dos trabalhadores assalariados.

E, é no interesse do povo brasileiro, na sua elevação cultural e participação sócio-política, que além de divulgar a dialética materialista, suas leis e categorias, este texto serve de referencial para evitar o infantilismo pequeno-burguês, que no fundo contribui para a implementação das idéias da direita; e também se opõe ao "modismo do igualitarismo radical", que é contrário ao marxismo-leninismo.

APRESENTAÇÃO

A proposição de uma concepção pedagógica, baseada na dialética materialista parte entendendo que a pedagogia, ciência

da educação, necessita enfocar os fenômenos sócio-biológicos procurando utilizar ao máximo as suas possibilidades educativas, visando à elevação cultural consciente, planejada e processual do ser humano.

Propõe-se utilizar o potencial criativo desenvolvido pela humanidade ao largo dos tempos, operacionalizando, didaticamente a cultura, a nível escolar. De acordo com IUDIN & ROSENTHAL (1959 pp. 114 e 115): "A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições correspondentes".

Dentre os ramos da cultura universal se destaca a sua parte corporal, a cultura física, e nela é saliente a existência do esporte, um fenômeno cultural, marcante no século XX. Conforme PEREIRA (1988 p. 214) "... considera-se esporte a culturação, sob a forma competitiva e regulamentada, das atividades físicas naturais. Assim, o esporte incorre em prática intencional, metódica, de exercícios físicos, caracteristicamente como atividade de tempo livre com objetivo competitivo, obedecendo a regulamentações específicas que visem ao aperfeiçoamento integral do ser humano. É uma atividade subliminarmente política, que se fundamenta no movimento, no exercício físico competitivo, sendo intrinsecamente lúdica, e pode converter-se em elemento educativo, de lazer e mesmo em forma de trabalho social".

Em grande parte do mundo, e também no Brasil, na educação escolarizada o esporte compõe parte dos programas de educação física. Dentre as diversas conceituações de educação, PINTO (1982, p. 29) diz: "A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses". É também expressando uma linha filosófica, uma corrente de pensamento, a educação fi-

* Professor da Universidade Federal de Pelotas

sica, de acordo com PEREIRA (1988 p. 111): "... é a educação corporal, via exercitação física realizada necessariamente sob o prisma pedagógico, de unicidade sócio-biológica, que pelo desenvolvimento e treinamento de habilidades motoras e qualidades físicas, psíquica e morais visa à plena elevação cultural, harmoniosa e integral do homem. Dialeticamente a educação física é um meio para a realização humana".

Quanto à dialética materialista, ainda que MARX e ENGELS em seus textos não se voltem didaticamente para os processos de ensino-aprendizagem em especial da educação física, em muitas passagens dos clássicos do marxismo percebem-se preocupações para com a educação, sendo que ligavam a educação física à educação intelectual e tecnológica, como encontra-se em "O capital" (volume I p. 554) e "Instruções para os delegados do conselho geral provisório da Associação Internacional dos Trabalhadores". (Obras vol. II pp. 83 e 84). Conforme ENGELS (1985, p. 406 Tomo III) a dialética era "... o melhor meio de trabalho e arma mais afiada." Para MARX (1970, p. 17): a dialética "... na sua forma racional causa escândalos e horrores à burguesia e aos porta-vozes de sua doutrina... e é, na sua essência, crítica e revolucionária". De modo mais "operacional", diz KONDER (1981, p. 8) sobre a dialética: "É o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente processo".

Na utilização instrumental da dialética materialista, como suporte de uma visão de mundo que procura orientar a pedagogia esportiva escolar, é necessário reportar-se às leis e categorias dialéticas. Conforme ENGELS (1979 p. 34): "As leis da dialética são, por conseguinte, extraídas da história da Natureza, assim como da história da sociedade humana... Reduzem-se elas, principalmente a três:

- 1) A lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa;
- 2) A lei da interpenetração dos contrários;
- 3) A lei da negação da negação."

SHTRAKS & outro (1984, p. 80) propõem em esquema, modelo de estrutura da dialética materialista os princípios de: conexão universal, de movimento e desenvolvimento universal, de unidade de teoria e da prática e o partidarismo. E, além das leis já

citadas, SHTRAKS & outros (1984), destacam como categorias dialéticas, dentre outras: possibilidade e realidade, causa e efeito, conteúdo e forma, particular e geral.

Cumprir destacar que na utilização da dialética deve-se evitar os esquematismos e partir da realidade – com a intenção de mudar a própria realidade. Notadamente ao se voltar para os processos de ensino-aprendizagem, treinamentos e competições esportivas, servindo-se da dialética, deve-se lembrar que em oposição ao dogmatismo, dizia POLITZER (1986, p. 123) "... devemos, pelo contrário, ter sempre presente que jamais os fatos são mais complicados do que parecem, do que pensamos."

A CONCEPÇÃO DE MUNDO:

Uma proposição de pedagogia esportiva baseada no materialismo dialético exprime, tal como as demais proposições pedagógicas, uma visão do mundo, uma concepção filosófica que se implementará nos processos de ensino-aprendizagem.

Uma concepção pedagógica marxista, com propostas de questionamento da sociedade, com mudanças, é comprometida com o povo, com a classe operária, camponeses, intelectuais, assalariados, sendo portanto uma concepção política, partidária. E, conforme LENINE, citado por PISTRAS (1981, p. 128): "É impossível colocar o trabalho intelectual fora da política... a idéia de uma educação apolítica ou neutra não passa de uma hipocrisia da burguesia, um meio de enganar as massas." É uma concepção política e partidária tal como as demais linhas filosóficas que orientam as demais pedagogias. LENINE, citado por SHTRAKS & outros (1984), dizia que a filosofia moderna é tão partidária como há 2 mil anos atrás. Sempre que exista e tenha certa receptividade, uma linha filosófica vai servir a determinado estamento social. De acordo com MARX & ENGELS, em SHTRAKS & outros (1984, p. 30): "Assim como a filosofia encontra no proletariado a sua arma material, da mesma maneira o proletariado encontra na filosofia a sua arma espiritual".

E a utilização do materialismo dialético na pedagogia esportiva escolar tem um caráter instrumental, para a teoria e a prática, e de acordo com LENINE, o marxismo deve ser "um guia para ação", e jamais ser utilizado dogmaticamente.

A concepção pedagógica dialética também orienta no sentido da ligação e contradições entre o individual e o coletivo. Os marxistas, como bem destaca SNYDERS, gostam de uma citação de GOETHE em que diz que “todos nós somos seres coletivos, por mais que isto nos irrite”. E a ênfase do coletivo, afinal o socialismo pressupõe a propriedade coletiva, via Estado, dos meios de produção, tem que ser tratada considerando a outra afirmação marxista, que diz: “o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX e ENGELS, 1985 p. 125 Tomo I). Assim, a concepção dialética considera, também para fins didáticos: a sociedade, as contradições que incidem sobre a escola, os educandos, o educador, as contradições da realidade, as contínuas mudanças nos processos, etc.

Não se pode pensar na educação ideal, aqui também incluída a educação física e um de seus constituintes, o esporte, sem se pensar numa sociedade ideal. E ao se pensar no tipo de pessoa que se irá educar, deve-se pensar em que tipo de sociedade se tem, e na sociedade em que o educando viverá. Nas palavras de CASTRO (1976, p. 62): “Se se quer preparar um homem para viver em sociedade, é necessário saber primeiro em que tipo de sociedade ele viverá”.

Essa visão de conexão entre os fatos da sociedade, do imediato com o futuro, da análise e da síntese da realidade concreta, pressupõe que para uma educação física comprometida, eficiente, o esporte não se limite a preparar atleticamente o aluno para o futuro; não basta apenas deixar os alunos aptos e habilidosos, mas sim além de aptos e habilidosos, conscientes, participativos, altruístas, honestos, satisfeitos, trabalhadores, e com outros atributos necessários para um homem de tipo novo, o materialismo dialético ligado a uma pedagogia desportiva visa a formação de um cidadão consciente, progressista, com uma mentalidade diferente do protótipo burguês (e pequeno-burguês), limitado, alienado e que vive às custas da exploração do trabalho alheio. Ao se prepararem as futuras gerações deve-se tomar cuidado para que também saibam mandar, ao invés de apenas aprenderem a obedecer acriticamente, de modo a não pensar em que o explorador é exemplo a ser seguido, mas pelo contrário, preocupar-se em educar pessoas que procurem viver plenamente, procurando mudar o mundo para melhor, para a justiça e a democracia.

A perspectiva de preparar alunos progressistas, conscientes, além da concepção dialética de pedagogia, também pode ser fundamentada nas longínguas, mas sempre presentes, palavras do juramento quando da graduação em educação física, onde se diz que “... se educará a juventude conforme os ditames da sua consciência...”

O EDUCADOR

Antes de tudo o educador é um humano, uma pessoa que com seus sonhos e contradições se faz profissional da educação. É um intelectual que, no caso da educação física, um intelectual que faz força, que transpira, que estuda e que sua. É um trabalhador assalariado, que das aulas de educação física e de treinamento esportivos tira o sustento da sua família.

Para valorizar a cultura e valorizar a si mesmo e a seus colegas como classe necessita primar pela competência, esta que vai além dos conhecimentos específicos da profissão e passa por compromissos culturais, sociais, políticos, etc. Necessita de estar sempre predisposto ao novo, de modo crítico e conseqüente. Conforme SHTRAKS & outros (1984, p. 14): “Os conhecimentos não devem assimilar mecanicamente e aceitar às cegas como algo acabado. É preciso aprofundar a sua essência, a sua compreensão, é preciso ter uma atitude crítica para com os conhecimentos adquiridos; é preciso reapreciá-los na consciência.”

E o professor-treinador desportivo escolar deve ser responsável pelo seu trabalho, pela educação da parte física, cultural, moral e volitiva dos adolescentes que passam partes de suas vidas na condição de seus alunos. O pressuposto da responsabilidade pedagógica baseia-se também em MAKARENKO (1976, pp. 467/8), quando diz: “Para mim, a pedagogia é uma obra social. Quando educo a um homem devo saber precisamente o que sairá de minhas mãos. Quero responder pela minha produção”. Assim, pode-se perceber o que o educador ensinou para os seus alunos e a sua responsabilidade pedagógica, quando eles, atletas escolares, participam de competições. A coesão da equipe, a variação de fundamentos, o comportamento frente ao adversário, a aplicação técnica e tática, tanto individual como coletiva, o condicionamento físico para procurar manter o mesmo ritmo e eficiência de jogo desde o início até o final; o virtuosismo da criatividade etc. Tudo o que

os alunos apresentem em quadra, bem como o que deixarem de mostrar, em tudo isto estará fundamentada a ação do educador como dirigente da equipe.

– Insatisfação:

Nas diversas áreas de atuação, profissional, cultural, política, o treinador deve ter uma atitude crítica, de não se contentar com as situações. Deve procurar manter o que é considerado bom para o momento, e seguindo a linha dialética da processualidade e mudança, procurar sempre avançar, querer mais, melhorar.

– Coerência:

Necessariamente norteado pela dialética, o educador necessita ser coerente, pois além de educar pelo exemplo, necessita unir a teoria com a prática, procurando unicidade entre o pensar, dizer e agir. Assim, o educador, ao pregar a disciplina, cumprimento de horários, manutenção de boa condição física, busca de mais cultura, participação sócio-política, deve ele mesmo primar pela disciplina, horários, condição física otimizada, insatisfação cultural e participação sócio-política. Deve ter uma só face, ministrar o melhor das aulas possíveis, ter um só linguajar, imaginando-se sempre estar observado por peritos na sua profissão, ou membros da sua família.

– Eficiência profissional

Também em ligação com os pressupostos anteriores, é preciso que o treinador esportivo escolar procure ser um conhecedor da sua profissão, o melhor possível. Ainda que diferenças pessoais e de determinadas condições façam com que certos treinadores obtenham mais sucesso desportivo que outros, pelo estudo, pelo trabalho, o educador precisa contribuir para a evolução do seu esporte. Necessita aprofundar determinada linha didática desportiva, procurando “fazer escola esportiva”. E somente poderá aplicar conhecimentos desportivos se o educador se apropriar de sólidos conhecimentos desportivos anteriores, afinal, ninguém ensina o que não sabe. Se o treinador pode errar por tentar utilizar determinada tática que foi superada pelo adversário, também percebe-se que ele pode errar tanto pelo que tentou fazer, como pelo que não tentou fazer.

O pressuposto da eficiência profissional, da capacidade cultural do treinador esportivo, tem um bom suporte em GRAMSCI (1979, p. 132), quando a respeito do alcance dos conhecimentos do educador diz: “Na

realidade um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos”.

OS EDUCANDOS

WEINECK (1986, p. 31) diz com muita propriedade: “A criança não é um adulto em miniatura”. É necessário tratar crianças como crianças, e adolescentes nas suas fases de adolescência como adolescentes, mesmo que implique em dificuldades de tratar com seres em transição, numa importante, complexa e bela etapa da vida. Porém o educador também deve nortear-se pela idéia de que os adolescentes serão adultos, ou seja, não serão jovens por todo o sempre. Se a criança passa na escola dos 7 aos 18 anos de idade, deve-se lembrar que dos 19 até o fim da vida também viverá, e o esporte necessita ter um significado importante nas demais fases da existência. O futuro cidadão deverá levar na sua bagagem cultural sólidos conhecimentos e práticas desportivas que o ajudem a implementar a sua visão de mundo. Assim, ao se ministrarem treinamentos desportivos para jovens com 16 anos de idade, tem que se pensar, de forma individualizada, que cada um aluno precisa do esporte com 40 ou 60 anos.

O educador necessita implementar didaticamente o esporte, no caso esporte coletivo, ligando o jovem à sua equipe, à sua classe. Deve lembrar-se da relação dialética entre o individual e o coletivo, destacando a participação individual, consciente, pois a responsabilidade da ação de cada um para com os objetivos desportivos leva à criatividade e à cooperação. Ao educando esforçar-se para o sucesso da equipe é enfatizado que ninguém treina por outro, assim, como ninguém toma banho ou escova os dentes por outra pessoa. O esporte deve contribuir para que os alunos assimilem o princípio da autoeducação, ligando o virtuosismo da ação individual à ação coletiva. No esporte, na marcação de um gol, de uma cesta, ou numa cortada, percebe-se a implementação da ação individual possibilitada, apoiada na ação coletiva da equipe ou de parte dela.

Os educandos precisam acostumar-se a serem solicitados nos valores otimizados por condições de sexo e faixa etária e biológica. Ao serem solicitados otimamente, ao máximo. E como sujeitos de suas vidas, necessitam então serem exigidos e respeitados, conforme a orientação de MAKARENKO (1985, p. 9): “Exigir ao máximo e res-

peitar ao máximo”.

O CONTEÚDO

Conforme MARINKO & SHTRAKS (1982, p. 7): “O ponto de partida de formação das convicções são determinados conhecimentos e idéias. Sem conhecimentos e idéias não há convicções, as idéias que pertencem apenas à memória, ao pensamento e conhecimento, não são ainda convicções do homem. Para se transformar em convicções devem tornar-se objeto de sentimentos, devem ser sentidas pela pessoa.” Assim, o conteúdo desportivo, tratado pedagogicamente, necessita ter a sua prática de modo que seja sentido, que se goste, que se conheçam os seus pontos positivos e deficiências, que a prática contribua para a formação de convicções desportivas.

Na proposição orientada pelo materialismo dialético, onde é patente a ligação entre a forma e o conteúdo, com inter-relacionamentos e influências mútuas, o conteúdo condicionante da forma. Há, no caso, um centralismo nos conteúdos. Para SNYDERS (1978, p. 309): “o que baseia uma pedagogia, o que constitui o critério entre as pedagogias são os conteúdos que estas apresentam, ou mais explicitamente as atitudes a que se propõe levar os alunos: que tipo de homem esperam formar.” E ainda conforme esse autor, (p. 311): “É no saber ensinado que se joga o verdadeiro destino das pedagogias”.

Os esportes, do atletismo ao futebol, da capoeira ao handebol, são elementos da cultura que ao serem tratados a nível escolar precisam ser enfocados com o objetivo de extrair ao máximo as suas possibilidades educativas, de melhoria notadamente nos parâmetros: fisiológico, cultural, social, moral e volitivo.

Significa, via esporte escolar, procurar que os alunos desenvolvam didaticamente e de modo inter-relacionado:

- No aspecto fisiológico, as qualidades físicas, como a força, a potência, a resistência aeróbica e muscular localizada, a velocidade, a agilidade, a coordenação, o ritmo, etc., além de habilidades motoras específicas de cada esporte, tal como conduzir manualmente a bola no basquete ou no handebol.

- No aspecto cultural, possibilitar a apropriação de conhecimentos e convicções de elementos da cultura, sabendo desde a origem dos esportes, as suas características,

e a condição deles ligados intimamente à ginástica, propiciarem argumentos teóricos e condições técnicas para implementarem a prática da cultura física permanente. Ou seja, pelos conhecimentos e habilidades desportivas, treinados na juventude, se possibilita que se possa exercitar fisicamente ao longo da vida, não se limitando a ser atleta juvenil, mas cidadão apto ao longo da existência.

- No aspecto social, ensinar a necessidade da participação, da ação individual ligada à coletiva para as mudanças, tanto no campo esportivo como na sociedade. O esporte possibilita que exemplos extraídos das quadras passem para a vida social, para a política, incentive a ação política consciente.

- E no tocante aos aspectos morais e volitivos, a honestidade é um pressuposto do esporte. O esporte é honesto por princípio, haja vista as condições de mudança de lado de campo ou quadra, a mesma regra para as equipes, ou mesmo a classificação por peso, quando fatores individuais chegam a ser determinantes no resultado final, como quando do boxe ou judô. Assim, ainda que o meio social até incentive a vitória a qualquer custo, que os fins justifiquem todos os meios para obter a vitória, nos treinamentos e jogos desportivos escolares pode-se enfatizar os fatores morais, o jogo limpo, a coerência, o saber ganhar e perder.

E a força de vontade, a motivação, a garra, também têm no esporte um bom suporte para serem trabalhados com os alunos. Quantos são os exemplos de partidas quase ganhas que se perdem por falta de empenho e quantas também são as partidas que de quase perdidas têm o resultado positivo pelo empenho, pela garra, pelo desejo de não perder.

Dialeticamente, no tocante às qualidades físicas desenvolvidas pela execução técnica e prática de cada esporte, os parâmetros físicos não solicitados devidamente para um desenvolvimento físico harmônico podem ser compensados pela execução ginástica.

Deixando de lado certos esportes que primam por determinantes de biotipo e enfatizam qualidades físicas particulares, como no caso de atletismo, em que o saltador tipifica-se pela potência de pernas ou o corredor de fundo pela resistência aeróbica, nos esportes coletivos a preparação física, ginástica, além de propiciar suporte para o desempenho técnico/tático, pode promover a mobilização de segmentos ou de qualidades

físicas que não são tão solicitadas especificamente em cada esporte. No caso do goleiro do futebol, devido à sua menor movimentação e participação características, a resistência aeróbica a ele menos solicitada do que a um jogador de meio de campo, por exemplo, é compensada com atividades ginásticas aeróbicas.

Formas de trabalhar os conteúdos de preparação físico-desportiva podem ser encontradas, dentre outras, nas seguintes indicações de literatura:

- MATVÉEV. L. **Fundamentos del entrenamiento deportivo**. Moscou. Progreso, 1983.
- MITRA, G. & MOGOS, A. **O desenvolvimento das qualidades motoras no jovem atleta**. Lisboa. Horizonte, 1982.
- WEINECK J. **Manual de treinamento esportivo**. São Paulo, Manole, 1986.

Conforme SCHELENZ, citado por STEIN & FEDERHOFF (1975, p. 173) "o handebol é o atletismo aplicado", pois implica em atividades como corridas, saltos e arremessos, além do domínio da bola e de regras específicas. Então, tomando o handebol como exemplo de esporte escolar pode-se ter duas formas de ser tratado didaticamente: a nível de conteúdo programático nas aulas normais de educação física; ou a nível de atividade esportiva extra-classe, com participação voluntária, às expensas das aulas normais de educação física. Em ambos os casos eles comporão o currículo escolar, sendo meio de educação social.

Utilizando-se do esporte escolar extra-classe, com treinamentos de alunos que compõem as equipes representativas da escola, além do conteúdo técnico/tático e físico tirado da literatura e da experiência do educador e dos alunos, na proposição pedagógica orientada na dialética, numa visão conteudista, vários elementos informais da educação social terão treinamento de categorias dialéticas, e deverão fazer parte explícita dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Dentre outras, pode-se destacar:

- **Honestidade:**

Diz MAKARENKO (1983, p. 70): "Honestidade não cai do céu". Este atributo do ser humano consciente, pode e deve ser

tratado na escola, também por meio do handebol. Para isso o educador deve predispor-se a, além de censurar rigidamente todo o comportamento antidesportivo, desonesto, procurar tirar dos exemplos triviais de treinos e jogos, lições para solidificar a mentalidade de honestidade entre os alunos.

Uma situação quase corriqueira no jogo de handebol: o jogador pivô vai receber a bola ou vai se deslocar para assumir uma posição vantajosa e é agarrado, à altura dos ombros, por um jogador defensivo. Além de demonstrar a não-condição de obstaculizar o adversário com o corpo, conforme prescreve as regras do esporte, o jogador faltoso reconheceu implicitamente que o pivô conseguiria vantagem e assim, desonestamente, comete a falta. O educador, quando deste fato em um jogo-treino, após o fato ocorrido, ao final do treino, enfatiza a questão da necessidade de ser honesto, não apenas quando se tem vantagem, no ataque mas também na defesa. Infringir o regulamento, até como uma tática de jogo, é na verdade "rasgar" o regulamento. E qual o "gosto de ganhar roubando"? Se as faltas acontecessem contra os faltosos, e fossem num patamar superior? Qual a reação? Passa-se do exemplo da quadra para a sociedade. Que exemplo um pai desonesto, explorador, pode dar aos filhos? Na política também necessita-se manter a honra, ainda que se possa ter como adversário pessoas imorais. Na luta de classes, os progressistas não podem usar a desonestidade como uma arma, tampouco mentir para o povo, prometendo o impossível, que, uma vez não atingido, contribui para desacreditar as propostas mudancistas.

- **Respeito à autoridade:**

O acatamento consciente à autoridade, não confundido com a obediência cega a mandantes incompetentes, também pode ser tratado como com o esporte escolar. A questão da autoridade faz parte da literatura marxista, pois já no século passado, ENGELS, (1985, p. 407 e segs, tomo II) combatendo os anarquistas, perguntava se era possível haver organização sem autoridade. No handebol escolar, a participação voluntária implica no acatamento à autoridade dos árbitros, à aceitação das regras, etc.

Quando de resultado adverso, ou na ansiedade de marcar pontos, o querer violar as regras esportivas para obter vantagens, ou mesmo a reclamação contínua aos árbi-

tros, por parte dos alunos/atletas, requer tratamento didático por parte do professor. Além de ser imoral a vitória conquistada por meio de fraudes, a discussão com os árbitros é contraproducente, pois irá atrair sobre si a atenção do juiz que, numa situação duvidosa, penderá favoravelmente para o lado do atleta que não o incomoda.

O jovem atleta deverá ser incentivado a dominar o corpo e a mente, retraindo as intenções de cometer "tolices audaciosas". Naturalmente que a honestidade e o respeito não podem compactuar com a arbitrariedade, porém necessita-se aprender a controlar os impulsos, para saber o momento de agir com eficiência exigindo os seus direitos.

Voltando à questão da autoridade para a vida em sociedade, o educador procurará inculcar a necessidade da participação política organizada, e naturalmente submetida a alguma forma de autoridade. Para a implementação das idéias do progresso social na política partidária, buscando superar a alienação, o conservadorismo e o voluntarismo, precisa-se de organização, obviamente com a presença de autoridade, direção, com a minoria acatando as decisões da maioria. Então, no esporte e na política, a existência de autoridade é pressuposto da participação organizada. É de acordo com LENINE (1982, p. 369, vol. I) "O proletariado, na luta pelo poder, não tem outra arma senão a organização."

- Participação organizada:

Também por meio do handebol se poderá ter exemplos que propiciem ao tema de participação social organizada em oposição a imprudências emocionais desorganizadas.

Numa situação de jogo, com iniciantes, um aluno, tendo pela frente a defesa já disposta em formação, com a posse da bola, tenta, sozinho, consignar o ponto. Ele apenas conseguirá, após esgotados os recursos de deslocamentos, perder a posse da bola que a sua equipe possuía. Situação semelhante, de investida irracional sobre uma defesa bem posicionada pode ocorrer com dois ou três elementos da equipe, mais efeitos, com ânsia de ganhar, mas não em contra-ataque e sem a participação organizada dos restantes da equipe. Tentam em vão, perdem a posse da bola e ainda possibilitam que o adversário marque ponto.

O educador se utiliza dessas situações para, voltando-se para a política, lembrar

que uma revolução, um ataque fulminante é "uma arte". Cita obras de LENINE, como: "O estado e a revolução" ou "A doença infantil do comunismo: o radicalismo de esquerda", em que critica a pressa pequeno-burguesa em mudanças políticas e o radicalismo político de fácil aceitação por mentes acríticas. Se no handebol a inconseqüência do ataque a qualquer custo possibilitou o crescimento no escore da equipe adversária, no ambiente político as lições das tentativas radicais sem apoio do povo organizado dão chances a que os estamentos conservadores reajam, tornem-se mais fortes em prejuízo da democracia e da condição de vida do povo trabalhador. Sempre incentivando a participação política e social organizada, o educador não pode deixar de passar exemplos desse tipo para a juventude tão ansiosa de ação.

- Coragem;

Até que ponto se pode desenvolver a coragem? Em quais condições ela pode ser exercida? Pode ser confundida com a valentia, com a demonstração de poder?

No caso do handebol, a coragem, a exposição do corpo frente à dor, e o domínio dessa dor ou do medo de senti-la tem exemplos corriqueiros com o jogador que atua na posição de goleiro. Além das qualidades físicas como potência, flexibilidade, agilidade, velocidade de reação, ele muitas vezes necessita utilizar o corpo saltando com afastamento de membros superiores e inferiores, expondo todo o corpo para interceptar arremessos. Não pode temer a bola bater no seu rosto ou no seu plexo solar. Assim, além da condição atlética de "blindagem" a nível abdominal e da musculatura do pescoço, bem como de proteção do baixo-ventre, ele tem que aprender a dominar o medo e a dor. Um goleiro com condições físicas mas que se esquivar da bola, naturalmente não será eficiente. Além de condições de caráter, o goleiro tem que ser treinado a dominar-se, e isto é possível à custa de risco e sacrifício.

As situações de exemplificar a coragem pelos goleiros, o educador transpõe para a sociedade, ajudando a contar a história do povo, dos seus exemplos de sofrimentos e de coragem, de domínio do corpo frente à violência e torturas. O caso de GREGÓRIO BEZERRA em abril de 1964, torturado publicamente, e resistindo à violência pelo domínio corporal, pode ser lembrado como exemplo.

– Disciplina:

No esporte em geral e no handebol em particular, a questão da disciplina pode ser tratada pedagogicamente. A rigidez no cumprimento dos horários de treinamentos, a guarda do material até o acatamento em jogo da tática coletiva, tudo isto se presta para o desenvolvimento da autodisciplina, também um atributo do cidadão consciente. MAKARENKO (1981) diz que a disciplina é um resultado geral do trabalho educativo, é uma consequência da educação. Não se nasce disciplinado, como não se nasce participativo, solidário, altruísta. Estes atributos devem ser incentivados pela família, pela escola, e necessariamente também pela educação física, pelo esporte escolar.

A questão da utilização, após os períodos escolares, ao longo da vida, da cultura física, da ginástica e do esporte como forma de negar o sedentarismo “atrasar” o relógio biológico, manter-se apto, no fundo é uma questão também de autodisciplina.

Assim, dos exemplos e das cobranças pedagógicas da disciplina a nível desportivo, o educador passa para os exemplos da vida prática. A iniciar pelo próprio educador, que sendo relapso não teria condições de lutar por melhores salários e condições de trabalho. Cita os exemplos cotidianos da classe trabalhadora que acorda cedo, com frio ou calor para produzir a riqueza do país.

E como um exemplo de disciplina pode apontar o de OLGA BENÁRIO PRESTES, citado por MORAIS (1985) quando mesmo em um campo de concentração nazista, campo de extermínio de cunho racista e político, na Alemanha hitlerista, levou as suas companheiras de prisão a cuidarem da higiene, cuidarem do corpo e se exercitarem ginasticamente.

– MARTINI, K. O **andebol**. Lisboa. Europa-América, 1980.

– NAGY-KUNSAGI, P. **Handebol**. Rio, Palestra, 1983.

– STEIN, H-G. & FEDERHOFF, E. **Handebol, técnica, tática, treinamento**. Buenos Aires, Stadium, 1975.

A METODOLOGIA

A metodologia da pedagogia desportiva escolar é concebida como um conjunto

de procedimentos que se utilizam para atingir os fins propostos. O método pedagógico diz respeito ao planejamento, desenvolvimento e avaliação que após servirão de base para outro ano ou período letivo.

É na metodologia de tratamento dos conteúdos que a dialética se instrumentaliza pedagogicamente, se fazendo “guia para ação”. O materialismo dialético é percebido com a visão e tratamento do “todo” pedagógico, em conexão: com os diversos fatores que influem na educação esportiva; nas mudanças quantitativas e qualitativas, nos saltos de qualidades advindos do acúmulo de prática, experiências, conhecimentos, onde as repetições não são meras voltas ao passado, mas sim degraus a serem superados pelo gradual aumento do grau de dificuldade, intensidade; do novo negando o velho, o conhecimento, a proficiência, negando, superando condições de níveis inferiores; da ligação da teoria com a prática, do individual com o coletivo, do ataque com a defesa; etc.

Sobre as leis da dialética, conforme SHTRAKS & outros (1984): as mudanças quantitativas e qualitativas dizem respeito ao entendimento do mecanismo das mudanças; a unidade e luta dos contrários é a fonte das mudanças; e a negação da negação exprime a ligação entre as partes dos processos.

Como exemplos de operacionalização da lei de mudanças quantitativas e qualitativas no caso de handebol escolar, a quantidade de prática, treinamentos, conhecimentos, experiências com níveis de exigência se elevando gradualmente levam a que ao final de um determinado tempo, os educandos, a equipe desportiva seja diferente qualitativamente e apresente um jogo com qualidade superior ao que era no início dos treinos. O salto qualitativo é patente, por exemplo, quando o atleta escolar com a posse da bola consegue, após acúmulo de experiências, perceber a direção de deslocamento do jogador adversário, o tempo e a sua intenção, e então, fintá-lo. A habilidade com a bola, o uso do corpo, a implementação rápida do pensamento, a dedicação aos treinamentos, tudo isto depende de tempo, de “quantidade” de prática. E o jogador com uma série de atributos, experiente, é um jogador qualitativamente diferente de um jogador iniciante, que mal consegue deslocar-se em três passadas com a bola dominada.

Como princípio pedagógico, como

norma para o planejamento e treinamentos do handebol escolar, a unidade e confronto de atributos opostos deve nortear as intenções educativas. Ainda que desportivamente, o treinamento defensivo, o jogar sem a posse do implemento não seja muito agradável, pela dialética deve-se tratar com cuidado das categorias opostas: ataque e defesa. E será uma falta metodológica se se cuidar apenas do ataque, jogar na ofensiva, e não se cuidar também da defesa. Necessita-se possuir uma equipe que ataque com eficiência, com potência, para, cada vez que tenha a posse da bola, leve preocupação à equipe adversária pela aplicação com que consegue consignar pontos. Mas também necessita-se possuir uma equipe com atributos defensivos que pela segurança, lealdade, trabalho em conjunto, atenção, espírito de sacrifício, dificulte ao máximo o trabalho ofensivo adversário, chegando a "enervar" a outra equipe pela dificuldade de conseguir brechas na defesa ou superioridade numérica em determinada zona de jogo. A ligação, a unicidade entre os opostos, ataque e defesa contribuem para o sucesso esportivo de uma equipe e o tratamento desses atributos passa pela dialética. LENINE, citado por SHTRAKS (1984, p. 17) diz: "A bipartição de um todo e o conhecimento das suas partes contraditórias... é a essência da dialética". Assim, o todo do jogo é dividido para fins de treinamento, em ataque e defesa, e tratados operacionalmente. E é também uma assertiva leninista que a unidade tem caráter relativo e a luta dos contrários tem caráter absoluto.

A metodologia de tratar as categorias como elementos opostos que se unem e se repelem também no handebol escolar podem incluir: a criatividade da ação individual e a obediência às ações coletivas; a preparação técnico/tática e a preparação física; o atacar pelo lado direito e pelo lado esquerdo, etc.

E a ginástica compensatória, os exercícios que procurem amenizar deficiências de certos conteúdos têm papel importante na exemplificação da utilização pedagógica da lei da negação da negação, nos processos de resolver as contradições específicas advindas da prática desportiva.

Ainda que o handebol não seja um esporte que se caracterize pela assimetria do uso dos membros superiores, de modo geral utilizam-se ambas as mãos para a recepção da bola e apenas uma, a mão dominante, para os passes e arremessos. Isto faz com

que um membro superior, do punho ao ombro, tenha uma solicitação mais enfática que o outro. Para a superação desta negação do lado não dominante podem-se utilizar exercícios compensatórios, com bola pesada ("medicine ball", em inglês).

Da tríade hegeliana: tese, antítese e síntese, a cada melhoria física, técnica, tática e mesmo volitiva, o novo, o mais sólido, mais eficiente e consciente negam o seu oposto, assim como o poder nega a impotência. Na operacionalização da negação da negação, na superação dos degraus do conhecimento, da proficiência, o educador e os educandos, além de buscarem superar o que é facilmente percebido necessitam condições de fenômenos, ter uma visão globalista de tudo o que é importante para a equipe.

No tocante ao planejamento desportivo, os conteúdos, os procedimentos, o material a ser utilizado, o calendário de treinamento e competições, enfim, tudo o que pode ser previsto com antecipação deve ser tratado antes de iniciar, com aulas para os alunos o ano letivo. É com antecipação que os professores de educação física planejam as atividades, em discussão coletiva, considerando desde a legislação vigente, até as particularidades inerentes à escola. É nessa fase que se estabelecem os dias, locais, materiais, bem como se procura homogeneidade nas formas de trabalho. Naturalmente, por diferenças inclusive de idade e de biotipo e condição física, os professores têm formas diferenciadas de trabalho, mas em conceitos básicos como o entendimento sobre a educação física e o esporte, necessitam ser o mais próximo possível, para não confundir os escolares, que podem ter treinamentos com mais de um professor.

De posse do calendário escolar, o professor de handebol, já sabendo os dias de treinamentos, estabelece a programação anual, que se subdividirá em semestral e bimensal. De forma simplificada, relaciona dia, local, conteúdo a ser trabalhado, formas de trabalho (técnicas de ensino) e material a ser usado. Como poderá haver alterações devido a problemas climáticos ou convites para competições que não poderiam ser previstas com antecedência, estas ressalvas também devem ser explicitadas.

Após este projeto de programa, na medida em que os alunos que participam das equipes de handebol representativas da escola dispuserem de condições, como experiências e conhecimentos do esporte, eles deverão estudar o programa e se for o caso

enriquecê-lo com sugestões. E as propostas dos alunos devem ser discutidas de modo coletivo em conjunto com o professor.

Este procedimento de discussão do programa previamente elaborado pelo treinador contribui para a coesão grupal, para o fortalecimento do coletivo de professor e alunos, para a responsabilidade dos educandos. Naturalmente não se igualam o treinador e os seus alunos, pois por mais que ambos tenham igualdade em dignidade pessoal; dever de participação, direitos sociais e até necessidades físicas, o treinador se diferencia pela idade, pela experiência de vida, pela responsabilidade e, pela sua ação pedagógica, é o dirigente dos trabalhos. Dialeticamente, professor e aluno têm igualdades e diferenças, mas um é estudante e o outro trabalhador produtivo de modo mais enfático que seu aluno, mesmo que o bom professor sempre seja também um bom aluno. E quanto à igualdade entre desiguais, já em 1875, MARX, ao criticar o Partido Operário Alemão, dizia (1985. p. 16, tomo III): "... o direito igual é aqui, portanto, sempre ainda – segundo os princípios, – o direito burguês". E ainda: "O direito dos produtores é proporcional ao seu fornecimento de trabalho; a igualdade consiste em que ele é medido por uma escola igual: o trabalho." E o trabalho e a responsabilidade de um professor são diferentes do trabalho e responsabilidade de um escolar.

Mas a diferença entre treinador e atletas escolares não significa que a posição do professor é inflexível. O educador não necessita da coerção, do medo para conseguir que sigam as suas justas diretivas. A relação de respeito, de acatamento entre professor e alunos deve ser baseada no convencimento, por explicações e discussão e não por imposições. Professor e aluno não revelam contradições antagônicas. Professor, aluno e currículo fazem parte de um mesmo todo pedagógico, e a posição do treinador procura ajudar os escolares a resolverem, no caso desportivo, as contradições inerentes à ação cultural, tal como os professores das demais disciplinas procuram ajudar os alunos a resolverem seus problemas, ajudando-os a se prepararem para a vida.

Após se terem os resultados das possíveis contribuições dos alunos, do programa são tiradas cópias e no mínimo uma é afixada em local visível, na área de educação física. Esta medida de transparência do planejamento desportivo pode ter, dentre ou-

tras, as seguintes implicações:

- Mostra trabalho, o que também é uma forma de participar da luta política, ideológica, propiciando argumentos concretos no enfrentamento aos detratores da escola pública, estatal.

- Nega a improvisação, pois ao se planejar com antecedência não se incorre na situação de apenas pensar no que vai fazer com os alunos meia-hora antes de iniciar a sessão.

- Acostuma os alunos ao planejamento a médio prazo, possibilita que os alunos tenham o hábito de planejar a sua vida escolar, e também se inteirar dos conteúdos desportivos com antecedência.

- Expõe publicamente a metodologia e a competência do professor, pois tendo ele convicções firmes de que a sua forma de trabalho é correta não se importará que ninguém, do leigo ao especialista, analise o programa. Sendo conhecedor da sua profissão ele terá argumentos para justificar as suas formas de trabalho.

E do planejamento bimensal o educador fará planos de treinamentos, de aulas, tantos quantos forem necessários. Também de modo simples, e as sessões se subdividirão, a princípio em quatro partes, a saber:

1ª) Introdução:

Nesta parte, inicial, de primeiro contato com os alunos se tem a saudação, um pouco de diálogo informal sobre como os alunos têm passado, a chamada, os avisos gerais, e informação de como e do que se tratará nessa aula.

2ª) Aquecimento:

Nesta parte, por meio da ginástica elementar, na qual se incluem exercícios também de flexibilidade e exercícios específicos do esporte, com ou sem a bola, se promoverá a preparação física e mental dos alunos para a parte principal da sessão.

3ª) Parte Principal:

Esta fase é o âmago da sessão, em que se treina seguindo o programa, em atividades técnico/táticas e mesmo físicas. Referentemente as maneiras de operacionalizar os treinos, as técnicas de ensino que se aplicam ao handebol, PEREIRA (1985) propõe:

- Como atividades individualizadas: treinamento individualizado com fichas, treinamento individualizado livre; e treinamento individualizado em circuito.

- Como atividades em pequenos grupos: treinamento sob a forma de PHILLIPS 66 – modificado; treinamento em estações; e treinamento em grupamentos simples de

poucos elementos.

– Como atividades em grandes grupos: treinamentos expositivos-demonstrativos, dialogados; treinamentos sob a forma de seminário-modificado; e treinamento sob a forma de grupos de exercitação e grupos de observação.

Muitas dessas técnicas de ensino são originalmente criadas para sala de aula, mas com modificações podem ser utilizadas no handebol escolar. Assim ao lado de treinamento sob a forma de pequenos grupos, três ou quatro elementos, que treinam determinados fundamentos, como cruzamento e arremessos a gol, como forma de exercitação tradicional no handebol, pode-se utilizar uma técnica de ensino de sala de aula, como a de Grupo de Verbatização e Grupo de Observação, (GVGO) e modificá-la para grupo de exercitação e grupo de observação. Em escolas públicas, com carência de material, bolas, pode-se levar a com que um grupo jogue ou treine enquanto outro grupo observe. Além de dividir equitativamente o tempo e uso da bola se pode ensinar o criticar com critérios, observar pontos positivos e negativos dos colegas, tratar pedagogicamente o elogio e a censura, o falar baseado em fundamentos e exemplos, problematizar a existência de apenas uma bola na escola, etc.

4ª) **Volta à calma:**

Além de alguns exercícios ginásticos, para contribuir para o retorno paulatino do organismo a condições "normais", nesta fase se implementam exercícios de relaxamento. Dialecticamente se trata do oposto da contração, a descontração muscular. Acostuma-se assim a que a mente comande o corpo, ensinando a "soltar" o corpo e a senti-lo, não apenas quando da concentração para a força, potência, atenção, mas também para o relaxamento e a descontração.

Nesta fase é que de modo dialético, como parte do conteúdo, se tem espaço na sessão de treinamento para os enfoques culturais e participações políticas, ensinando a crítica e a autocrítica.

Nesta parte da aula, o professor, após o relaxamento corporal, incentiva o debate, levanta as questões exemplificadas anteriormente para que dos exemplos esportivos se passe para a análise da sociedade, e também propicia informações culturais.

Propiciar situações para a análise da ação individual e coletiva, tanto dos titulares e reservas da equipe como do treinador, também deve acontecer após jogos oficiais.

E a experiência nos mostra que, quando se é derrotado, é que os erros são mais flagrantes e se tiram melhores lições. Quando se ganha, a eficiência em apontar os erros é prejudicada pelo resultado favorável, afinal é sabido que a "vitória tem muitos pais", mas a derrota geralmente é bastarda. Em discussões didáticas, após jogos, é mister procurar acabar com essa noção do senso comum, evitando que a crítica descambe para agressões verbais e a avaliação não se preste para incentivar os educadores a melhorarem e participarem com mais empenho.

Mas a análise, após treinamentos e jogos, da participação coletiva e notadamente individual torna-se um excelente meio para acostumar os alunos a tomarem consciência das suas potencialidades e deficiências, é um meio educativo. E conforme PISTRAK (1981, p. 87): "Submeter um homem à educação social é dotá-lo de princípios que lhe possibilitem uma avaliação moral de sua própria pessoa, enquanto membro da sociedade".

OS OBJETIVOS

O objetivo final do esporte escolar, tal qual o da educação como um todo é o de ser meio para a felicidade humana, para a realização do homem. Para isto, necessita-se balizar o caminho para o conhecimento e para a aptidão. Como diz um antigo aforismo: "Para quem não sabe para onde vai, nenhum caminho serve".

No planejamento, inclusive de cada aula, deve-se explicitar – não com o dogmatismo da didática "imobilista" – os comportamentos observáveis dos alunos após cada sessão, ou ao final dos períodos.

Para saber onde se quer chegar, necessita-se, por meio de testes iniciais, determinar os valores, físicos e técnicos, individualizados de cada aluno. Realizar re-testes periódicos e finais. O objetivo desportivo, a vitória em competições são um critério de verdade, de teste na prática, do alcance dos objetivos e da utilização correta da metodologia. O materialismo dialético aceita que é a prática o critério de verdade. Conforme MARX (1985, p. 1. tomo I): "É na prática que o ser humano tem que comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento".

É na visão de uma pedagogia dialética, por meio do esporte escolar, não apenas as habilidades específicas de cada esporte, os

conhecimentos e as práticas esportivas devem ser considerados objetivos educacionais, mas sim tudo o que pode ser tratado no currículo, ou seja, além da dimensão cultural e fisiológica, também os aspectos sociais, morais e volitivos.

AVALIAÇÃO

A avaliação desportivo-escolar inicia-se na primeira aula mas não acaba, de fato, na última. Ela servirá para o planejamento dos futuros anos letivos. A avaliação necessita ser fundamentada, em critérios científicos: documentada, por meio de fichas; e pode ser feita, além dos testes, por meio da observação direta do professor, análise e discussão conjunta com os alunos, além da participação em competições.

No tocante aos aspectos de participação sócio-política e moral-volitiva, além da observação direta, os diálogos com os atletas e as suas autocríticas servem como referencial avaliativo.

E, um pressuposto fundamental da avaliação é que ela sirva de meio para o todo educativo, e incentive o aluno a participar conscientemente.

FINAL:

Uma proposição de pedagogia norteada pelo materialismo dialético, indicada para o esporte escolar, para adolescentes de ambos os sexos exprime uma visão de mundo, e serve-se do esporte para que se ultrapasse o limiar conservador da exercitação pela exercitação, competição pela competição. O esporte pode ampliar o seu alcance pedagógico, passar das quadras e pistas para o social e político, podendo também contribuir para demonstrar a competência docente, e fundamentalmente pode servir ao ser humano ao longo da sua vida, contribuindo para a saúde, cultura, aptidão, ativismo social consciente e busca da felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BEZERRA, G. **Memórias**. 2 vols. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1980.
- CASTRO, F. **Educação em revolução**. Lisboa, Iniciativa, 1976.
- ENGELS, F. **Dialética da natureza**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.
- JUDIN, P. & ROSENTAL, M. **Pequeno dicionário filosófico**. São Paulo. Exposição do Livro, 1959.
- KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo. Brasiliense, 1981.
- LENINE, V. I. **A doença infantil do comunismo: o radicalismo de esquerda**. Lisboa. Avante, 1975.
- _____. **O estado e a revolução**. Lisboa, Avante. 1978.
- _____. **Obras escolhidas**, vol. I. São Paulo. Alfa-Omega. 1982
- MAKARENKO, A.S. **Bandera en las torres**. Moscou. Progreso, 1976.
- _____. **Conferências sobre a educação infantil**. São Paulo. Moraes, 1981.
- _____. **Poema pedagógico**. São Paulo. Brasiliense, 1985.
- MARINKO, J. L. & SHTRAKS, G. M. **Metodologia do ensino das ciências sociais**. Moscou. Progreso, 1984.
- MARX, K. **O capital**, vol. I. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1970.
- MARX, K. & ENGELS, F. **Obras escolhidas**. 3 tomos. Lisboa. Avante. 1985.
- PEREIRA, F. M. **Técnicas de ensino aplicadas ao handebol**. Santa Maria, 1985. mimeografado.
- _____. **Dialética da cultura física, introdução à crítica da educação física, do esporte e da recreação**. São Paulo. Icone. 1988.
- PINTO, A. V. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo. Cortez-Autores Associados. 1982.
- PISTRAK **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo. Brasiliense. 1981.
- POLITZER, G. **Princípios elementares de filosofia**. São Paulo. Moraes, 1976.
- SHTRAKS, G. M. & OUTROS. **Lições de filosofia marxista - leninista, metodologia**, Moscou. Progreso. 1984.
- STEIN, H. G. & FEDERHOFF, E. **Handebol, técnica, tática, entrenamiento**. Buenos Aires. Stadium, 1975.